Nobres leitores: recepção de romances pela família imperial brasileira

Noble readers: the reception of novels by the Brazilian Imperial Family

Larissa de Assumpção¹

Márcia Abreu²

Resumo: Este trabalho analisa a recepção de romances por membros da Família Imperial Brasileira com o objetivo de compreender como obras desse gênero foram lidas e entendidas por parte da elite oitocentista. Para tanto, foram considerados os relatos de leitura presentes no diário da imperatriz Teresa Cristina, escrito entre 1856 e 1887, e nas cartas trocadas entre o imperador Pedro II, a princesa Isabel e a imperatriz, entre 1854 e 1889. Suas práticas de leitura são apresentadas e analisadas por meio do exame de três aspectos principais: de que forma os romances eram lidos e como circulavam; quais opiniões foram externadas sobre o gênero romanesco; e que conceito foi formulado sobre *Ivanhoé*, romance de Walter Scott, objeto de discussões literárias entre o Pedro II e a princesa Isabel. Conclui-se que a família imperial reagiu aos romances de maneira semelhante à dos leitores comuns e que é falsa a ideia de que romances eram destinados a públicos pouco instruídos, formados por mulheres, jovens e pobres.

Palavras-chave: família imperial brasileira; romance; leitura; recepção; circulação de impressos.

Abstract: This article analyzes the reception of novels by members of the Imperial Brazilian Family in order to understand how they were read and understood by members of the elite in the 19th century. We considered the reading reports present in Empress Teresa Cristina's diary, written between 1856 and 1887, and in letters exchanged between Emperor Pedro II, Princess Isabel and the Empress between 1854 and 1889. Three main aspects were considered: how novels were read and how they circulated; what opinions were expressed about the genre; and what concept was formulated about *Ivanhoé*, Walter Scott's novel, object of literary discussions between Pedro II and Princess Isabel. We conclude that the imperial family reacted to the novels in a similar way to that of ordinary readers and that the idea that novels were intended for poorly educated audiences, made up of women, young and poor, is false.

¹ Doutoranda em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

² Profa. Dra. do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Keywords: Brazilian Imperial Family; novel; reading; reception; circulation of printed matter.

O século XIX pode ser considerado o século do romance. Nesse período, houve uma notável expansão na produção de obras ficcionais, que ganharam novas formas e uma extraordinária difusão com o advento dos folhetins. Houve também um formidável aumento no número de leitores, favorecido pelo incremento da urbanização e do acesso à alfabetização bem como pelo alargamento da presença de bibliotecas e gabinetes de leituras (cf. ABREU, 2008; ABREU, 2016; MEYER, 1996; SILVA & VASCONCELOS, 2020). No entanto, isso não foi suficiente para granjear-lhe boa fama. Um sinal de seu desprestígio está em sua pequena presença nas histórias literárias e nos textos críticos publicados até o final do XIX, que se voltavam majoritariamente para o teatro e a poesia. Além disso, sua entrada nos currículos escolares foi tardia, tornando-se objeto de estudo sistemático apenas no século XX, seja na França ou no Brasil.³ Assim, os romances foram majoritariamente considerados obras literárias de segunda plana, destinados a público pouco refinado, composto em grande medida por mulheres e pessoas de baixa escolaridade, que neles buscariam uma forma de entretenimento (cf. LYONS, 2001).

Esse estudo questionará esse lugar comum, analisando a leitura de romances realizada pela família imperial brasileira, que não apenas os conservava em suas bibliotecas e gabinetes privados (cf. ASSUMPÇÃO, 2018) como registrava suas práticas de leitura em cartas e diários. Esses documentos, hoje depositados em regime de comodato no Museu Imperial de Petrópolis, no Acervo Grão Pará⁴, incluem 927 cartas enviadas do imperador para a princesa Isabel entre os anos de 1859 e 1891 (AGP XXXIX-1), 814 missivas enviadas da princesa para

³ Segundo AUGUSTI (2006, p.38), o romance tornou-se parte do currículo das escolas francesas apenas em 1923. Da mesma forma, Antonio Candido (1989, p. 187) informa que apenas no século XX o romance passou a ter presença nas aulas de literatura em instituições de ensino brasileiras.

⁴ Museu Imperial de Petrópolis/Ibram/Ministério do Turismo. Arquivo Grão Pará – doravante AGP.

o seu pai, entre os anos de 1855 e 1891 (AGP XLI-3), 1363 cartas escritas pela imperatriz Teresa Cristina e enviadas à princesa Isabel entre os anos de 1855 e 1889 (AGP XL-2) e 673 missivas enviadas pela princesa à sua mãe entre os anos de 1854 e 1889 (AGP XLI-4). A grande maioria desses documentos foi escrita em língua portuguesa, ainda que fosse comum que os membros da família imperial fizessem citações de obras, autores ou termos em outras línguas, como o francês e o italiano. O diário da Imperatriz Teresa Cristina⁵, escrito entre os anos de 1856 e 1887 majoritariamente em língua italiana, com pequenas anotações em francês e em português, (ACIB – Maço 38, Doc. 1058) igualmente conservado no Museu Imperial, também foi tomado para estudo.

As cartas aqui analisadas eram documentos pessoais em que seus autores retrataram elementos de seu cotidiano, até mesmo sentimentos íntimos, e visavam apenas ao seu destinatário (invariavelmente uma pessoa do círculo familiar mais próximo). Assim, são registros preciosos das reações de leitura de parte relevante da elite brasileira em fins do XIX. Entretanto, elas não eram, necessariamente, um espaço de sinceridade absoluta, pois as missivas da princesa Isabel para D. Pedro e para D. Teresa Cristina poderiam, por exemplo, omitir informações sobre o contato com livros malvistas por seus pais, enquanto eles poderiam enaltecer aspectos que considerassem positivos para a formação de sua filha, omitindo outros tidos por menos recomendáveis.

Os diários da imperatriz Teresa Cristina também são fonte valiosa para a identificação de suas práticas de leitura e para a compreensão de sua reação aos textos que lia. Mas eles também trazem limitações. Como uma pessoa pública, ela possivelmente imaginava que seus documentos poderiam, um dia, ganhar circulação ampla, o que a levaria a controlar as informações e opiniões que neles anotava, ocultando tudo aquilo que pudesse manchar sua imagem.

⁵ Diário da imperatriz Teresa Cristina. Museu Imperial de Petrópolis/Ibram/Ministério do Turismo. Arquivo da Casa Imperial do Brasil, Maço 38, Doc. 1058. Doravante ACIB – Maço 38, Doc. 1058.

Dessa forma, as práticas de leitura e as menções a romances inscritas nos diários e cartas não têm, necessariamente, uma correspondência plena com o que efetivamente acontecia. Leituras consideradas de pouco valor podem não ter sido descritas e leituras socialmente valorizadas podem ter sido mencionadas sem que tivessem realmente sido realizadas. Além disso, nem todos os documentos da família foram doados ao Museu Imperial de Petrópolis e a seleção do que se destinou à preservação pode também ter levado ao apagamento de eventuais registros de leitura pouco dignificantes. Logo, não é possível ter uma visão completa sobre as experiências de leitura e sobre as opiniões acerca dos livros lidos pela família imperial brasileira a partir desses documentos. Entretanto, eles são de extremo valor, tanto por sua raridade, uma vez que anotações de leitura são pouco comuns, quanto pela peculiaridade de terem sido produzidas por membros da família imperial e, finalmente, por conterem comentários acerca de um dos mais populares gêneros da época, o romance.

Assim, valendo-se dessa documentação, esse estudo tem o objetivo de apresentar e analisar práticas de leitura realizadas por membros da família imperial brasileira, por meio do exame de três aspectos principais: de que forma os romances eram lidos e como circulavam; quais opiniões foram externadas sobre o gênero romanesco; e que conceito foi formulado sobre *Ivanhoé*, romance de Walter Scott, objeto de discussões literárias entre o Pedro II e sua filha mais velha, a princesa Isabel.

1 Práticas de leitura na família de Pedro II

Em seu texto “Comunidades de leitores”, Roger Chartier (1998) comenta a prática da leitura em voz alta como modo de “cimentar as formas de sociabilidade imbricadas igualmente em símbolos de privacidade – a intimidade familiar, a convivência mundana, a convivência letrada.” (CHARTIER, 1998, p.16). Márcia Abreu (2001) também informa sobre a

realização desse tipo de leitura que, até o século XVIII, era uma forma de sociabilidade comum: “Lia-se em voz alta nos salões, nas sociedades literárias, em casa, nos serões, nos cafês. Esse tipo de leitura, além de permitir o contato com ideias codificadas em um texto, era uma forma de entretenimento e encontro social.” (ABREU, 2001)

As cartas trocadas pela família de Pedro II mostram que essa prática permaneceu comum até o final do século XIX, mantendo a função de reforçar os laços familiares e de amizade, promover momentos de lazer em família, além de instruir e de verificar as competências de leitura dos mais jovens.

Ler em voz alta era algo que as crianças nobres aprendiam desde cedo. O futuro imperador Pedro II aprendeu com Frei Pedro a “ler em voz alta para adquirir o gosto pela boa leitura” (MONTEIRO, 1927, p. 40). O mesmo aconteceu com sua filha Isabel que, em cartas escritas durante a infância, dizia que iria ler com seus professores, como ocorreu em uma missiva escrita em 9 de fevereiro de 1855, em que a princesa, na época com 8 anos, escreveu ao pai: “eu dei bem minhas lições e vou ler ainda esta tarde com o mestre” (AGP XLI-3)⁶. Lia-se também com os pais e os avós. Segundo Jaqueline Aguiar, o imperador sempre reservava tempo para ler com as suas filhas Isabel e Leopoldina. Em anotações de 1862, D. Pedro diz que iria ler com elas obras de autores portugueses como João de Barros e Camões, em horários bem estabelecidos: “nas 2^{as} feiras lerei a elas Barros das 7 1/2 às 8 da noite; Lusíadas, das 10 1/2 às 11 da manhã” (*Apud* AGUIAR, 2012, p.131). Essas leituras parecem ter um foco na educação das jovens princesas e não no entretenimento ou na convivência familiar. O pai lia obras eruditas para as jovens, que à época tinham 16 e 15 anos, o que parece indicar sua preocupação em familiarizá-las com clássicos da literatura portuguesa. A prática teve continuidade na geração seguinte. A imperatriz Teresa Cristina afirmou, em seu diário, que seu marido lia com os netos, filhos da princesa Leopoldina. Em 26 de julho de

⁶ Na transcrição das cartas, foram mantidas a ortografia e a pontuação originais.

1872, por exemplo, escreveu que “toda manhã estiveram meus netos comigo. Lerão com o imperador em portuguez” (ACIB – Maço 38, Doc. 1058).

A leitura em voz alta era também comum entre os casais. A imperatriz relatou muitas vezes em seu diário que o imperador lera com ela durante a tarde, como ocorreu no dia 09 de maio de 1866, em que ela escreveu: “o imperador vem ler das 3 às 4” (ACIB – Maço 38, Doc. 1058)⁷ ou no dia 10 de maio de 1867, em que ela registrou que “o imperador lê hoje das 3 às 4” (ACIB – Maço 38, Doc. 1058)⁸ Em alguns outros dias, como em 24 de julho de 1867 e em 23 de dezembro de 1867, a imperatriz apenas escreve que “o imperador vem ler” (ACIB – Maço 38, Doc. 1058)⁹. E a princesa Isabel, nas cartas para o seu pai, também referiu, mais de uma vez, as leituras realizadas com seu esposo, o conde d’Eu, como no dia 19 de outubro de 1864, em que ela escreveu: “hoje o Gaston começou a ler para eu ouvir o Naufrágio do Sepulveda” (AGP XLI-3). No momento em que escreveu essas linhas, a princesa tinha apenas 18 anos e acabara de se casar. No dia 31 de outubro do mesmo ano, ela relatou ter lido com o marido a obra de Dante: “hoje li com Gaston seu amigo Dante” (AGP XLI-3). Também são comuns, nas missivas, menções à leitura de produções não literárias como teses de cientistas, enciclopédias, revistas e jornais. Em uma carta de 19 de dezembro de 1864, a princesa Isabel escreveu:

Hontem lemos Montaigne e um jornal de New York que mandarão a Gaston, hoje lemos no Couto uma grande descripção de [ilegível], labyrinthos e idolos, e lemos no Thiers as negociações para o tratado de Amiens. No Montaigne d’hontem vimos além de outras cousas que os homens maiores para elle erão Homero, Alexandre e Epaminondas (AGP XLI-3).

É possível que Couto seja Diogo de Couto, autor de *Da Ásia: dos feitos que os portugueses fizeram na conquista e descobrimento das terras e mares do oriente*, obra de

⁷ No original: “L’Imperatore venno leggere dalle 3 alle 4”. Tradução nossa.

⁸ No original: “L’Imperatore oggi lesse dalle 3 alle 4”.

⁹ No original: “In casa l’imperatore venne leggere” (24 de julho de 1867) e “venne l’Imperatore leggere” (23 de dezembro de 1867).

história que foi publicada pela primeira vez em Lisboa, em 1614. Quanto a Thiers, provavelmente se trata de Adolphe Thiers, historiador e político francês do século XVIII que publicou trabalhos sobre a história da França. Salta aos olhos o interesse da princesa em mostrar ao pai que havia feito leituras instrutivas junto com seu marido e chama a atenção também a variedade de obras consultadas em curto período.

O contato com obras ficcionais também acontecia com frequência, podendo envolver amigos e damas de companhia. Em carta de 16 de julho de 1875, a princesa Isabel escreveu: “com a Condessa temos lido Au Jour le Jour, por Frédéric Soulié e estamos lendo L’Homme à L’Oreille Cassée por Edmond About” (AGP XLI-3). Não há indicações sobre quem seja a condessa, mas, provavelmente se trata da condessa de Barral, antiga preceptora da princesa, que, segundo o relato, passava bom tempo lendo (“temos lido”, “estamos lendo”) com a princesa. O excerto mostra, ainda, que o costume de ler diversas obras simultaneamente também podia ter obras ficcionais por objeto. Os títulos mencionados revelam que elas não buscavam apenas romances recém-publicados – *Au Jour le Jour* havia sido lançado em 1844, e *L’Homme à L’Oreille Cassée*, em 1861 – e que já não mais se dedicava exclusivamente às leituras eruditas ouvidas da voz de seu pai.

Ambos os romances fizeram sucesso entre o público amplo no Brasil e na França. Até o momento em que a princesa e a condessa o leram, *Au Jour le Jour* havia tido ao menos 13 edições francesas, uma tradução para o português, em 4 volumes, publicada nos anos de 1845 e 1846, e estava presente em livrarias, bibliotecas e gabinetes de leitura no Brasil (CiTrIm)¹⁰. De publicação mais recente, a obra *L’Homme à L’Oreille Cassée* teve difusão um pouco menor: editado pela Hachette em 1862, teve ao menos 4 reedições em francês e uma tradução para o português saída à luz em 1866, com reedição em 1876, exposta à venda na Livraria de

¹⁰ Dados extraídos do banco de dados online Circulação Transatlântica dos Impressos (CiTrIm), desenvolvido pelo projeto de mesmo nome e coordenado por Márcia Abreu e Orna Messer Levin. Cf. <https://www4.iel.unicamp.br/projetos/circulacao/login.php>. (doravante CiTrIm)

B. L. Garnier, no Rio de Janeiro (*Idem*). Não se tratava, portanto, de obras de circulação restrita à elite e sim de romances de ampla difusão.

O compartilhamento de leituras não ocorria apenas quando pessoas liam juntas, mas também quando partilhavam exemplares. Em diversas circunstâncias, D. Pedro II e a imperatriz Teresa Cristina enviaram obras para a princesa Isabel, geralmente porque as haviam lido e acreditavam que ela também as deveria conhecer. Apesar de a família dar indícios de valorizar a leitura de clássicos e de obras instrutivas em suas cartas, os livros compartilhados eram, em geral, romances.

Em uma carta de 1 de setembro de 1866, por exemplo, a imperatriz afirmou ter enviado o romance *Waterloo*, de Erckmann-Chatrian, para entreter a filha e o genro, pois já o havia lido e apreciado (DITC – ACIB). Esse romance histórico, escrito pelos franceses Émile Erckmann e Alexandre Chatrian, era de publicação recente, tendo sido lançado apenas um ano antes, em 1865. Ainda que se tratasse de uma novidade, talvez a princesa e seu esposo já tivessem ouvido falar da obra, pois ela fora publicada em livro, em Lisboa, no mesmo ano (RODRIGUES, 1992) e em folhetins no *Diário de Pernambuco* a partir de 10 de abril de 1865.¹¹ Possivelmente, a família apreciava os romances de Erckmann-Chatrian, pois o acervo da biblioteca imperial conta com dez obras desses autores, entre as quais havia um exemplar de *Romans Nationaux: Le Conscriit de 1813, Madame Thérèse ou les volontaires de 92 e L'invasion*, todos eles romances históricos de Erckmann-Chatrian (ASSUMPÇÃO, 2018, p.56). As cartas trocadas entre os membros da família de Pedro II parecem indicar que eles tinham uma especial predileção por romances históricos, pois grande parte delas contém indicações de livros desse subgênero literário, que era um dos mais valorizados pela crítica do período (cf. VASCONCELOS, 2008).

¹¹ *Diário de Pernambuco*, 10 de abril de 1865, p. 8. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_04&pesq=Erckmann%20Chatrian&pasta=ano%20186>. Consultado em 11 de junho de 2020.

Em alguns casos, uma obra circulava entre diversos membros da família, como ocorreu com *A Família Inglesa*, de Júlio Dinis. O romance, uma das únicas obras escritas em língua portuguesa mencionada na correspondência analisada, foi publicado pela primeira vez em folhetim, em 1867, e em volume em 1868. Foi um romance de sucesso, reeditado diversas vezes, e presente no Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, e na livraria Garnier (CiTrIm).

A primeira menção a esse livro aconteceu em uma carta de 7 de setembro de 1868, quando a princesa Isabel escreveu ao pai: “Já comecei também a ler os Maitres Sonneurs e quasi que o acabei, é muito bonito. Como estava-o lendo quando chegou a Família Inglesa, emprestei-a ao Visconde” (AGP XLI-3). Publicado em 1853, inicialmente sob a forma de folhetins e em seguida em livro, *Maitres Sonneurs* é um romance histórico da escritora francesa George Sand, o qual obteve grande sucesso de público e de crítica (cf. GODWIN-JONES, 1995). Como sabemos que a leitura de vários romances simultaneamente era prática comum, o envio do exemplar recebido para o visconde (que pode ser o visconde de Sapucaí, que foi mestre das princesas quando pequenas, ou outro amigo nobre da família) pode indicar que havia um conjunto de pessoas interessadas em ler a obra, o que justificaria a decisão da princesa.

Pouco mais de um mês depois, o livro voltou a ser mencionado. Em carta de 20 de outubro de 1868, a imperatriz Teresa Cristina escreveu: “Hontem que recebi a sua carta de 10, e o livro da Família Inglesa que entreguei ao teu pai” (AGP XL-2). Oito dias depois, lê-se em outra carta da imperatriz: “minha querida filha Isabel, aproveito do capellão que vae amanhã para as Águas Virtuosas para (...) mandar-te o livro que tua Mana acabou que é Uma Família Inglesa que teu Pae lhe emprestou e agora a te” (AGP XL-2).

Vê-se, assim, uma intensa circulação do livro no interior da família e entre amigos: D. Pedro enviou o romance para a princesa Isabel, que o remeteu para um visconde; ele o

devolveu para ela, que o encaminhou de volta ao pai; ele o emprestou para a outra filha, que o leu e o remeteu novamente para a princesa. Percebe-se que os familiares e seus amigos não apenas participavam de atividades de leitura em voz alta, mas também da partilha de exemplares emprestados. Na biblioteca imperial, há um exemplar desse romance, em edição de 1870, posterior, portanto, ao envio das cartas (ASSUMPÇÃO, 2018, p. 55). Teria o primeiro sido extraviado, depois de tantos empréstimos? O fato é que um novo exemplar foi incorporado ao acervo da família, seja por aquisição, seja por presente.

Embora esteja claro que a família imperial e seus amigos tinham romances entre suas leituras, eles desprestigiavam o gênero em seus comentários, como se verá a seguir.

2 Opiniões sobre o gênero romanesco

O gênero romanesco foi alvo de acerbas críticas por parte dos letrados. No século XVIII, sua leitura era tida como um perigo, pois “fazia com que se perdesse um tempo precioso, com que se corrompesse o gosto e com que se tomasse contato com situações moralmente condenáveis,” (ABREU et al., [s/d]) levando o leitor a se identificar com personagens e atitudes pecaminosas. Ao longo do século XIX, a avaliação negativa sobre o gênero foi atenuada (cf. AUGUSTI, 2010; GABRIELLI, 2018), embora não tenha sido inteiramente desfeita até o início do século XX (cf. CANDIDO, 1989).

As cartas trocadas pela família imperial brasileira não contêm comentários frontalmente negativos ao gênero romanesco, mas é possível perceber a permanência de ideias que remontam ao século XVIII, segundo as quais a leitura de obras ficcionais deveria fazer parte do tempo ocioso (sem tomar o lugar do estudo e da leitura de autores importantes) e representaria um perigo para os leitores (que poderiam se identificar com os personagens e agir como eles).

Exemplos desse tipo de pensamento estão presentes em algumas cartas que a princesa Isabel enviou ao imperador entre os anos de 1864 e 1875 (quando ela tinha entre 18 e 29 anos), nas quais associava a leitura de ficção a momentos de ócio, sentindo inclusive a necessidade de, algumas vezes, justificar a realização desse tipo de atividade.

Em carta enviada pela princesa ao imperador em 4 de setembro de 1871, associa-se a leitura de ficção ao ócio. Ela tinha 25 anos e assumira a regência durante viagem de seus pais para a Europa. Em cartas, queixa-se da escassez de notícias enviadas pelo pai, que, alegando estar muito ocupado, não estaria escrevendo para ela com frequência. Prometendo vingar-se, diz que também deveria deixar de enviar cartas, com a desculpa de estar ocupada com os altos negócios do Estado. Porém, admite que “seria uma grandíssima mentira que lhe pregaria, pois (...) tenho tempo de sobra, para dormir tanto ou mais de dantes, para passear *e até para ler romances*” (AGP XLI-3)¹². Ou seja, a leitura de romances era reservada ao “tempo de sobra”, algo a ser feito por desfastio ou diversão, quando havia tempo livre dos afazeres realmente importantes – e, entre eles, estava a assinatura da chamada Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871, vinte e poucos dias depois de escrever essa missiva.

Alguns anos depois, em carta ao pai datada de 29 de maio de 1875, a princesa volta a associar romances e ociosidade: “Minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa: *Bragelone* tem-me tomado o tempo do Secchi” (AGP XLI-3). Muito provavelmente, ela estava se referindo à leitura de *O Visconde de Bragelone*, romance histórico de Alexandre Dumas, que narra os acontecimentos finais da trilogia dos mosqueteiros. Publicado na França, entre 1847 e 1850, e em português nos anos de 1851 e 1852, (cf. RÊGO, 2003, pp.135-136), foi um dos romances mais propagandeados no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro (cf. MÜLLER, 2014). A obra tomava o tempo que a princesa julgava dever dedicar a *L'unité des forces physiques: essai de philosophie naturelle*, de Angelo Secchi, livro recomendado por seu pai.

¹² Grifo nosso.

Publicado em Paris, no ano de 1869 e reimpresso em 1874, jamais foi traduzida para o português. As mais de mil páginas da história do filho do mosqueteiro Athos concorriam com uma obra científica, cuja leitura, segundo a princesa, era difícil, demorada e demandava muita concentração, além de ter “algumas fórmulas que aborreciam” (AGP XLI-3)¹³. Aos 29 anos de idade, grávida de seu primeiro filho, ansiosamente aguardado após mais de uma década, a princesa parece sentir-se culpada pelo tempo gasto com romances. Ou talvez apenas tenha escrito aquilo que pensava ser do agrado de seu pai, que demonstrava constantemente seu desejo de guiá-la nas leituras.

Pedro II insistia em opor romances e “leituras sérias”. Em uma carta em que fez comentários sobre Walter Scott, afirmou que este autor “era excelente leitura, *mas para momentos de lazer*” (AGP XXXIX-1)¹⁴. Em outro momento, valorizou o gênero por sua capacidade de selecionar corretamente os livros que lia: “Sei muito bem que o Gaston não se descuidava das *leituras sérias*, e cada vez estou mais satisfeito de haver abdicado nele o poder de pai tão docemente substituído pelo amor de mais um filho” (AGP XXXIX-1).¹⁵

Assim, ainda que o contato com obras de prosa ficcional não fosse condenado pela família de Pedro II, havia claramente uma contraposição entre a sua leitura e o estudo de temas relevantes, bem como uma associação ao ócio – algo costumeiramente comentado por críticos literários desde o século XVIII. Outro ponto comum entre as opiniões da família e a dos críticos é a ideia de que algumas obras poderiam corromper o espírito dos leitores, afetando seu modo de agir.

¹³ Comentário presente em carta de 10 de julho de 1875: “Hoje li do seu Secchi e fora algumas formulas que me aborrecem é muito interessante.”. Sua leitura havia sido comentada antes: “O Secchi adiantou a passo de tartaruga. Devagar se vai ao longe. E também não posso lê-lo depressa, pois desejo compreende-lo bem.” Em cartas de 28 e 30 de junho, há outras menções a essa obra: “Hoje li do seu Secchi” e “o Secchi é interessante, mas precisa ser lido com atenção que as vezes me cansa, pois muita coisa esqueci”.

¹⁴ Carta enviada em 21 de outubro de 1864. [grifo nosso]

¹⁵ Carta enviada em 5 de novembro de 1864. [grifo nosso]

Em carta enviada em 31 de maio de 1868 ao pai, a princesa relatou acontecimentos como uma visita à casa da irmã, um jantar a que compareceu e a ida a um baile. Em meio às novidades, comentou o comportamento de uma moça que conheceu:

uma portuguesinha filha d'um antigo mestre de collegio que recitou poesias ao piano. Ella recita com muito sentimento, é casada e mora também com a velha D. Joaquina que é impagavel dansando. (...) A moça não se ocupa, infelizmente senão em apprender poesias e ler romances. Um dia estava ella no seu quarto lendo um romance, D. Joaquina estava na salla cosendo ouve-a de repente gritar morreu! morreu! corre para ver, pergunta-lhe que desgraça aconteceu, por fim a portuguezinha pode dizer que foi o heroi do romance (AGP XLI-3).

Uma vez mais, apresentam-se ideias negativas associadas à leitura de romances (e de poesias, nesse caso), algo a que a moça se dedica em demasia, “infelizmente”. Essa informação sobre a jovem, dada logo no início da descrição, serviu como base para a narração do fato que vem a seguir e que mostra uma tal identificação da leitora com o texto que a faz levar para a vida real o seu pesar pela morte do personagem. A passagem ecoa o célebre relato de José de Alencar sobre os efeitos da leitura de romance em voz alta, prática que ele realizava com sua mãe e amigas, por volta de 1840: “as senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio. (...) disparei em pranto e respondia com palavras de consolo às lamentações de minha mãe e suas amigas” (ALENCAR, 1990, p.38). Não sabemos se a princesa recriminou a atitude da moça ou se apenas a achou divertida. Mas conhecemos a reação do Padre Carlos Peixoto de Alencar, que alarmou-se com o choro da família, mas não conteve o riso ao saber o que o tinha motivado: “soltou uma gargalhada, como ele as sabia dar, verdadeira gargalhada homérica” (*Idem ibidem*). As opiniões de Isabel e a reação do padre irmanam-se às críticas que alertavam para o perigo contido na leitura de romances, especialmente para mulheres. Ainda que fosse uma delas, a princesa repetia os julgamentos negativos que circulavam na sociedade.

Suas considerações repercutem também um dos mais frequentes comentários sobre o gênero: a moralidade das narrativas. Em carta de 22 de janeiro de 1877, a princesa Isabel afirmou: “o Macedo publicou ultimamente a Baronesa do Amor. Afinal é moral, mas para mostrar a moralidade, mostra imoralidades demais”(AGP XLI-3). Trata-se de romance de Joaquim Manuel de Macedo, publicado no ano anterior, em 1876, cujo enredo sustenta a avaliação da princesa, pois narra a história da baronesa de Amorotahy, que, instada por uma amiga, aceita galanteios de toda sorte, como uma espécie de equiparação ao comportamento de seu marido, que leva uma vida de devassidão. Dizendo amar o esposo, não o trai, mas aceita que lhe façam a corte. Após uma série de aventuras, o barão morre e um dos galanteadores pede a mão da viúva em casamento. Ela nega e desaparece do Rio de Janeiro.

O comentário da princesa está em sintonia com uma discussão que animou os críticos dos séculos XVIII ao XX: a finalidade moral seria suficiente para tornar aceitável a apresentação de situações imorais? Ela tende para uma resposta afirmativa, enquanto outros, como o Frei Pedro Sinzig, inclinavam-se para a alternativa oposta. Ao comentar o mesmo romance, advertiu: “não o aconselho, porque não só o enredo é já de si immoral, como algumas cenas isoladas compromettem seriamente o romance” (SINZIG, 1923, p.12).

Em algumas outras leituras, a questão moral foi ofuscada por elementos de composição do romance. Em carta destinada a seu pai e datada de 8 junho de 1875, a princesa comentou a obra *Flammarande*, de George Sand. Publicada pela primeira vez, em folhetins, na *Revue des Deux Mondes*, entre fevereiro e maio de 1875, foi traduzida poucos meses depois para o português e publicada em *O Globo* a partir de 3 de setembro de 1875.¹⁶ Tendo em vista que se discute o final do romance, em missiva de junho, é bastante provável que o tenha lido nas páginas da *Revue*, exportada rapidamente para o Brasil: “a Condessa me

¹⁶ Cf. *O Globo – órgão dos interesses do Commercio, da Lavoura e da Industria*. Rio de Janeiro, 3 de setembro de 1875. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=369381&pesq=flamarande&pasta=ano%20187&pagfis=1535>> Acesso em 21 de julho de 2020.

encarrega de lhe dizer que acabou de ler Flamarande e que já mandou a revista ao Mathias. Ela acha o fim muito brusco e nunca pensou que Salcède casasse com Berthe. Toda esta gente devia ter acabado solteirona” (AGP XLI-3).

A avaliação da condessa sobre “o fim muito brusco” provavelmente se deve ao fato de dois casamentos serem narrados em um único parágrafo na conclusão da narrativa. Nesse caso, destaca-se um elemento de construção do enredo, o que também era muito comum na crítica oitocentista, desde o início do século (cf. ABREU, 2016). Curiosamente, não se faz nenhum comentário sobre o fato de os romances de George Sand terem sido incluídos no *Index Librorum Prohibitorum*, por decreto de 30 de março de 1841, ainda em vigência quando da leitura de *Flamarande*.¹⁷ Desse modo, embora a questão moral fosse muito comentada na apreciação de romances, nem sempre era elemento definidor seja do contato com a obra, seja de sua avaliação.

A maneira como Pedro II e sua filha reagiam aos romances ficará mais clara a partir da observação de um conjunto de cartas trocadas por eles durante a leitura de *Ivanhoé*, como se verá a seguir.

3 A leitura de *Ivanhoé*

Ao longo dos meses de outubro e novembro de 1864, o imperador e sua filha Isabel compartilharam opiniões sobre *Ivanhoé*, de Walter Scott. Publicado pela primeira vez em 1820, teve grande circulação no período, estando presente em livrarias, bibliotecas e gabinetes de leitura do Brasil, em várias línguas (CiTrIm). Em 1837, duas diferentes edições em português foram publicadas em Paris e, no ano seguinte, nova tradução foi lançada em

¹⁷ *Index Librorum Prohibitorum*. Disponível em <<https://bit.ly/30llmgn>>. Consultado em 17 de julho de 2020.

Portugal (ABREU, 2013, p.23). No período em que as cartas são trocadas, Scott já era renomado e bem avaliado pelo público e pela crítica (cf. VASCONCELOS, 2008).

A princesa contava apenas 18 anos e havia acabado de se casar, em 15 de outubro, com o conde D'Eu. O casal passou a lua de mel em Petrópolis, de onde retornou em 24 de outubro. Nesse período, houve uma intensa troca de cartas entre pai e filha sobre o romance histórico de Scott.

A primeira menção ocorreu em uma carta não datada (mas muito provavelmente de 16 ou de 17 de outubro) enviada pela princesa Isabel para sua mãe, em que ela acusa o recebimento de *Ivanhoé*, no dia anterior, e faz comentário possivelmente ligado à materialidade do impresso: “recebi hontem Ivanhoé, é muito bonito” (AGP XLI-3). Em 17 de outubro, apenas dois dias após seu casamento, a princesa escreveu ao pai, pedindo-lhe que informasse à condessa que já havia tomado conhecimento dos personagens principais da trama: “Diga à Condessa que já fiz conhecimento com Gurth, Wamba, Cedric, Aymer e o Templier” (AGP XLI-3). Pode-se supor, assim, que a condessa tinha interesse em acompanhar as reações da princesa e em, eventualmente, comentar a trama com ela.

Dois dias depois, escreveu novamente ao pai sobre o livro e disse: “O seu Walter Scott me interessa muito mas eu reclamo que agora ele também é meu. Estou no lugar em que Rowena manda chamar o peregrino pela criada para falar com ele” (AGP XLI-3). O comentário evidencia o apreço do imperador pelo autor e deixa entrever as brincadeiras entre pai e filha, que, certamente, conhecia a especial predileção que ele tinha por Scott. Em carta a Gobineau, o imperador afirmou que os romances de Scott lhe “deliciaram” desde a adolescência,¹⁸ portanto é razoável supor que a filha conhecesse a predileção do pai e talvez já

¹⁸ Carta de D. Pedro II a Gobineau, datada de 27 de setembro de 1879. No original: “J’ai déjà visité deux fois son manoir à cause des romans qui ont fait mes délices depuis mon adolescence.” Tradução nossa. Arquivo da Casa Imperial. Maço 185, Documento 8394.

o tivesse ouvido referir-se ao autor como “meu Walter Scott”, razão pela qual o provocava dizendo que ele agora era também dela.¹⁹

A resposta de Pedro II a essa carta veio no mesmo dia: “Vejo que já vai conhecendo a família e hóspedes do illustre saxão Cedric, e estou certo de que hade ter gostado muito das descrições d’esse romance de meu Walter Scott. Não julgou formar parte da cavalgada do [ilegível] Abade e do templário?” (AGP XXXIX-1).

Enredo, descrição e personagens são referidos e dão indício de identificação com a trama, pois, além de ambos se referirem aos personagens como se fossem pessoas que se vai conhecendo, o imperador dá a entender que se sentiu participando da cavalgada do Abade e imaginou que o mesmo tivesse acontecido com a filha. Contrariando parte da crítica, que julgava excessivas as descrições de muitos romances ingleses, o imperador demonstra ter especial interesse por elas.²⁰

Em 20 de outubro, em nova carta enviada à filha, ele voltou a comentar o enredo e, em seguida, afirmou: “Já conhece Rebecca? Há de querer-lhe muito bem, mas sem esquecer as outras leituras” (AGP XXXIX-1). Uma vez mais, o imperador oferece indícios de identificação com a narrativa, usando, uma vez mais, os verbos “conhecer” e “querer bem” para referir-se a uma personagem. Entretanto, parece sentir-se na obrigação de voltar a bater

¹⁹ O gosto de D. Pedro por Scott fica patente também em anotação de André Rebouças em seu diário: “disse o imperador que sempre quando está doente relê os romances de Walter Scott.” Anotação para 28 de janeiro de 1889 no diário de André Rebouças, citado por BARMAN (2012, p.93).

²⁰ Anos depois, em carta a Gobineau, ele volta a essa questão. Em carta enviada em 27 de setembro de 1879, Pedro II escreve: “eu adoro escutar você falar assim do nobre senhor de Abbotsford. Eu já visitei suas vezes o seu castelo devido aos romances que fazem as minhas delícias desde a minha adolescência. Foi na Escócia que eu os apreciei verdadeiramente. Como me lembro de seu *Ivanhoé*! Como ele começa bem descrevendo a chegada dos viajantes na casa do Cedric. A paisagem é maravilhosamente descrita quando o terrível Templário e o abade *bon vivant* reencontram Gurth.” No original: “Que j’aime à vous entendre parler ainsi du noble seigneur d’Abbotsford. J’ai déjà visité deux fois son manoir à cause des romans qui ont fait mes délices depuis mon adolescence. C’est en Ecosse que je les ai dûment appréciés. Que je me rappelle son *Ivanhoé*! Comme il commence bien décrivant l’arrivée des voyageurs chez Cedrix. Le paysage y est merveilleusement décrit quand le terrible Templaire et l’abbé bon vivant rencontrent Gurth.” Arquivo da Casa Imperial. Maço 185, Documento 8394. Tradução nossa.

na tecla das leituras sérias, que não devem ser deixadas de lado em favor de um romance. Mas, ele mesmo ocupava um bom tempo *Ivanhoé*, já que, no dia seguinte, voltou a escrever:

Duvido de que o Walter Scott seja seu como ele é meu; pois que sou seu amigo de tantos annos. É excelente leitura; mas para momentos de lazer. Respeito lady Rowena, mas não gosto do seu orgulho aristocrático, é um contraste muito habilmente ideado da simpática Rebecca. Sempre que puder converse comigo sobre suas leituras, e vai se acostumando a tomar notas do que mais lhe agradar, sem contudo querer logo escrever muito; [e não] deite encher papel do que não seja útil, ou verdadeiramente belo, que também é em extremo útil para a elevação do character e espírito. (AGP XXXIX-1)

Percebe-se que Pedro II não abriu mão de seu papel de mentor após o casamento da filha. Ele insistiu na ideia de que a leitura de romances era própria para momentos de lazer, mas indicou que eles poderiam ser fonte de instrução e de deleite (para usar termos muito em voga à época), orientando a jovem a buscar o que fosse “útil, ou verdadeiramente belo” e que contribuísse “para a elevação do character e espírito”. E complementou suas orientações sugerindo que ela compusesse algo semelhante a um *cahier de lieux communs*, técnica que remonta ao século XVI e que consistia em copiar fragmentos dos textos lidos, considerados relevantes seja por seu conteúdo factual, seus exemplos demonstrativos ou por seu interesse estilístico (cf. CAVALLO & CHARTIER, s.d). O próprio imperador parece ter tido por hábito anotar passagens dos romances, se não na forma de notas em papel, ao menos como apontamentos nos livros. RAEDERS (1938), referindo-se à predileção do imperador por Scott, afirma que “os trabalhos do escriptor inglez, dos quaes o imperador possuia a totalidade, em inglez e em traducção franceza, cuja collecção se conserva ainda hoje castello d’Eu, são frequentemente anotados pela mão do soberano.” (RAEDERS, 1938, p.69)

Nessa carta de 20 de outubro, Pedro II volta a se referir às personagens em termos próximos aos que são utilizados para tratar de pessoas: “Respeito lady Rowena”, “não gosto do seu orgulho aristocrático”, “a simpática Rebecca”. Sua identificação com personagens e situações perdurou, a crer no que contou a Gobineau sobre sua viagem à Escócia, em carta de

27 de setembro de 1879: “Visitei por duas vezes o seu palácio por causa dos romances (...) Fiz minha peregrinação a São Levarø onde se conserva ainda a casa de Sennie Dean o abbade... – por causa de Lochleven e os Puritanos que eu prefiro chamar *Ord-Mortality*. Escondi-me também atrás de um dos pilares da cripta de São Mundo em Glasgow” (*apud* READERS, 1938, p. 298). Assim como faziam milhares de leitores que visitavam cenários de romances e lugares por onde seus autores teriam passado (cf. ABREU, 2003), d. Pedro percorre espaços onde teriam se desenrolado cenas de romances de Scott, quando já contava 54 anos. Ele recomenda a Gobineau que faça o mesmo: “Lêde também *Waverley* e pensando nos lagos dos Highlands, ide admirar-os depois na natureza” (*apud* READERS, 1938, p. 298).

Os comentários sobre *Ivanhoé* não se restringiram ao curto período da lua de mel. Em 7 de novembro, já de volta ao Rio de Janeiro, D. Isabel continuava envolvida com o romance e escreveu ao pai: “reabri ontem de noite *Ivanhoé*, acho lindo esse romance, mas se me é permitido dizer alguma coisa, acharia melhor que Athelstan não ressuscitasse, é um pouco fora do natural todo esse acontecimento.” O comentário sobre uma passagem do final da obra e o uso do verbo “reabrir” permitem supor que ela já havia concluído a leitura do romance, mas ainda continuava a pensar sobre ele. Curiosamente, ela parece não ter compreendido os acontecimentos em torno da suposta morte de Athelstan, que fora ferido na cabeça por Bois-Guilbert e ficara tão profundamente inconsciente a ponto de ser dado como morto. Na verdade, ele havia sido mantido cativo por três dias e reapareceu no momento em que seu próprio funeral se realizaria. A princesa poderia criticar o excesso de peripécia, mas, tendo compreendido que se tratava da ressurreição da personagem, aponta uma falta de verossimilhança no uso de um elemento “fora do natural”. Embora avalie negativamente essa passagem, ela se apressa a desculpar o autor, esclarecendo: “Também achei uma notinha no

livro dizendo que algumas pessoas julgam como eu, mas que Walter Scott assim tinha feito porque lhe tinham pedido” (AGP XLI-3).²¹

Dois dias depois, voltou a escrever ao pai e relatou que voltara a ler o romance: “já estou mto adiantada em Ivanhoé, estou no lugar em que os outlaws reúnem-se depois do assalto dado a Fortaleza de Reginald Frank-de-Boeuf (...) para receberem parte dos despojos. Rebecca desapareceu com o templário, o cavaleiro Preto me interessa também muito assim como Wamba e Gurth” (AGP XLI-3)²². Após fazer esse relato, e talvez buscando evitar novos comentários sobre os perigos de dedicar muito tempo à ficção, logo esclareceu: “não creia que também não tem havido leituras sérias. Hontem lemos 16 ou 18 páginas de Couto e uma hora de Thiers” (AGP XLI-3).²³ A leitura desses autores era frequentemente estimulada por Pedro II, que as considerava “leitura séria”, e foram mais de uma vez referidos pela princesa, como se viu anteriormente.

A troca de mensagens entre pai e filha sobre *Ivanhoe* encerra-se nesse ponto, mas não o interesse de D. Pedro, que se orgulhava de ter, entre seus pertences, um texto escrito pela mão do próprio Scott. Em carta a Gobineau, ele relatou: “Emfim, não deixarei o Senhor Walter Scott sem falar de sua encantadora bisneta que foi tão bôa para mim nesse castello em que se fala do bom e nobre senhor. Deram-me nessa ocasião o autographo de um manuscripto bastante curioso que ele não terminou.” (*apud* RAEDERS, 1938, p.298)²⁴ E no dia de Natal, em 25 de dezembro de 1879, voltou a escrever a Gobineau e perguntou: “Como vae a vossa leitura de Walter Scott? Eu vos invejo.”(*apud* RAEDERS, 1938, p.315)

²¹ Carta de 7 de novembro de 1864.

²² Carta de 9 de novembro de 1864.

²³ Carta de 9 de novembro de 1864..

²⁴ Carta de D. Pedro II a Gobineau, datada de “Rio, 27 de setembro de 1879”.

Há uma longa nota sobre o interesse da Família Imperial brasileira por Walter Scott no site do museu em que se converteu uma de suas residências: <<https://www.scottsassbotsford.com/news/sir-walter-scott-parasols-and-the-empress-of-brazil>>. Acesso em 21 de julho de 2020.

Dessa forma, sua postura se assemelhava à da moça criticada pela princesa em uma carta citada anteriormente, que sofrera com a morte de um personagem, e à de tantos outros leitores seus contemporâneos que desenvolveram fortes laços afetivos com autores e personagens de ficção no século XIX.

4 Conclusão

A correspondência trocada entre os membros da família do último imperador brasileiro mostra que os romances faziam parte de seu cotidiano, talvez da mesma forma ou, quiçá, até mais intensamente do que em famílias menos abastadas. Pedro II, sua esposa e sua filha pareciam dedicar um bom tempo à realização de leituras (em voz alta ou silenciosamente, de maneira individual ou em grupo) e também ao comentário dessa atividades.

Eles liam romances de ampla circulação e de fácil acesso em livrarias, bibliotecas e gabinetes de leitura, na Europa ou no Brasil. Nesse aspecto, irmanavam-se a seus humildes contemporâneos que, dos dois lados do Atlântico, também apreciavam Frédéric Soulié, Edmond About, George Sand, Walter Scott, Alexandre Dumas, Émile Erckmann e Alexandre Chatrian, bem como Joaquim Manoel de Macedo e Júlio Dinis, entre os leitores de português.

Assim como os plebeus, a princesa Isabel lia indistintamente romances antigos e ultra recentes, interessando-se por narrativas lançadas há mais de 40 anos, como *Au jour le jour*, e por publicações seriadas que atravessavam o oceano à medida que iam sendo divulgadas pela imprensa, como “Flammarande”, saída à luz entre fevereiro e maio de 1875 e comentada por ela em junho do mesmo ano.²⁵ Ao contrário do que se percebe em grande parte das Histórias Literárias, que se organizam em uma sucessão de mudanças de paradigma e de propostas

²⁵ A convivência entre obras antigas e recentes entre os best-sellers franceses foi observada por Martin Lyons (1990), em seu estudo sobre as obras de sucesso na França no século XIX. Fenômeno semelhante foi observado no Brasil, na pesquisa de Julio Cesar Modenez (2014).

estéticas, o interesse dos leitores se mantinha estável por décadas ou, até mesmo, séculos (ABREU, 2014).

A leitura de “Flammarande” na *Revue des Deux Mondes* indica, ainda, que a elite não se interessava apenas pela alta literatura ou por edições de luxo: ela também acompanhava obras publicadas de forma seriada, em periódico de ampla difusão e preço módico. Permite perceber, ainda, que um leitor, no Brasil, poderia ler a mesma obra, no mesmo suporte, e praticamente ao mesmo tempo, que um leitor europeu. A leitura simultânea de um mesmo conjunto de impressos permitia a formação de um repertório comum, aproximando pessoas de diferentes partes do mundo e dos mais distintos estratos sociais.

Os poucos registros conhecidos da recepção popular aos romances no século XIX não permitem verificar se as reações eram também semelhantes. No entanto, é possível saber que a família imperial operava com categorias de avaliação muito semelhantes às empregadas pelos críticos coetâneos. Assim como eles, desprestigiavam o gênero, enxergavam-no como fonte de perigo e como algo a ser realizado apenas em momentos de lazer. Mas liam e comentavam obras específicas, observando a construção de personagens, as descrições, o encaminhamento do enredo, a verossimilhança, a moral e davam mostras de haver se identificado com personagens e situações.

Os romances parecem ter acompanhado a vida do imperador e de sua filha, que escreveram sobre eles em meio a comentários sobre toda sorte de acontecimentos, como bailes, reuniões políticas, encontros com amigos e de familiares. Eles faziam parte até mesmo de momentos de grande importância, como os dias que se seguiram ao casamento de Isabel ou os que antecederam a assinatura da Lei do Ventre Livre.

Isso mostra que romances podiam fazer parte do cotidiano de uma família da elite, de formação ampla e erudita, ao contrário do que se pensa os que os apresentam como leitura destinada a gente simples, sem recursos e instrução. Os dados aqui estudados confirmam as

conclusões de Roger Chartier, para quem “a circulação dos mesmos objetos impressos de um grupo social a outro é, sem dúvida, mais fluida do que sugeria uma divisão sociocultural muito rígida” (CHARTIER, 2001, p.98) e mostram que não parece haver relação direta entre a posição social e interesse por romances no Oitocentos.

Referências

Fontes primárias:

Cartas do imperador Pedro II à princesa Isabel. Museu Imperial de Petrópolis/Ibram/Ministério do Turismo. Arquivo Grão-Pará. AGP XXXIX-1.

Cartas da princesa Isabel ao imperador Pedro II. Museu Imperial de Petrópolis/Ibram/Ministério do Turismo. Arquivo Grão-Pará. AGP XLI-3.

Cartas da imperatriz Teresa Cristina à princesa Isabel. Museu Imperial de Petrópolis/Ibram/Ministério do Turismo. Arquivo Grão-Pará. AGP XL-2.

Diário da imperatriz Teresa Cristina. Museu Imperial de Petrópolis/Ibram/Ministério do Turismo. Arquivo Grão-Pará. Maço 38 – Doc. 1058.

Fontes secundárias:

ABREU, Márcia. A leitura do romance. In: ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2003.

_____. VASCONCELOS, Sandra; VILLALTA, Luiz Carlos; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Caminhos do Romance no Brasil: Séculos XVIII e XIX*. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>>. Acesso em: 21 de julho de 2018.

_____. Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil. *O Eixo e a Roda: Revista de literatura brasileira*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG. v. 22, n. 1, p. 15-39, junho de 2013.

_____. 2001. *Diferentes formas de ler*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/>. Acesso em: 21 de julho de 2020.

_____. Problemas de História Literária e Interpretação de Romances. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*. v.16, n.2, p.39-52, 2014.

_____. (org.). *Romances em movimento: A Circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2016.

_____. (org.). *Trajetórias do Romance: Circulação, leitura e escritas nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Mulheres educadas para governar: O Cotidiano das “lições” nas cartas das princesas Isabel e Leopoldina*. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2012.

ALENCAR, José. *Como e por que sou romancista*. Campinas: Pontes, 1990

ASSUMPÇÃO, Larissa de. *Em meio a cartas e bibliotecas: A Presença de romances no Brasil e na Rússia no século XIX*. 2018. 174 f. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, Campinas, 2018.

AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias da consagração: Discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, Campinas, 2006.

_____. *Trajetórias da consagração: Discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

BARMAN, Roderick. *Imperador Cidadão: e a Construção do Brasil*. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

CANDIDO, Antonio. *Educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. *Les modèles de lecture des temps modernes. De l'auteur au lecteur*. Disponível em <http://classes.bnf.fr/livre/arret/auteur-lecteur/lecture/06.htm>. Consultado em 18 de julho de 2020.

CHARTIER, Roger. *A Ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

_____. (org.). *Práticas da leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.

GABRIELLI, Beatriz. *Criticar já é distinguir: A Avaliação de romances em periódicos franceses do século XIX (1836-1850)*. 136 f. Programa de pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 2018.

GODWIN-JONES, Robert. *Romantic vision: The Novels of George Sand*. Birmingham: Summa Publications, 1995.

LYONS, Martin. *Readers and Society in Nineteenth-Century France: Workers, Women, Peasants*. Palgrave, 2001.

_____. Les best-sellers. In: CHARTIER, Roger & MARTIN, Henri-Jean. *Histoire de l'édition française*. Paris: Fayard/Promodis, 1990.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MODENEZ, Julio Cesar. A Circulação de traduções francesas no Rio de Janeiro (1860-1865). *Cultura & Tradução*. João Pessoa, v. 3, n. 1, pp. 223-232, 2014.

MONTEIRO, Mozart. A Infância do imperador. *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, v. 152, t. 98, pp. 32-44, 1927.

MÜLLER, Andrea Paraíso. Imprensa e leitura de romances no Brasil oitocentista. *Gavagai: Revista Interdisciplinar de Humanidades*. Vol. 1, n. 1 (mar./abr. 2014), pp. 26 a 35, maio de 2014.

RAEDERS, Georges. *D. Pedro II e o conde de Gobineau (correspondências inéditas)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

RÊGO, Manuela. *Antes das playstations: 200 anos do romance de aventuras em Portugal*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

RODRIGUES, Gonçalves. *A Tradução em Portugal: 1851-1870*. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 1992.

Nau Literária
crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>
Vol. 17, n. 2, 2021

SINZIG, Pedro. *Através dos romances*: Guia para as consciências. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1923

VASCONCELOS, Sandra. Cruzando o Atlântico: notas sobre a recepção de Walter Scott. In: ABREU, Márcia. *Trajetórias do Romance*: Circulação, leitura e escritas nos séculos XVIII e XIX. Campinas: Mercado de Letras, 2008.